

OS ANOS 70 E 80: A POESIA – VALDO MOTTA¹

THE 70^S AND 80^S: POETRY – VALDO MOTTA

Deny Gomes*

Valdo Motta² começa a escrever aos 20 anos já com uma certeza: o poder da palavra poética como único elemento capaz de despertar nos homens a verdadeira vida por investir nela um sentido real. A poesia – o grito poético – é essencial, supera o desespero e a morte, desperta a consciência e move os corações.

Se eu bater minha cabeça
nos paralelepípedos desta rua isolada
até reduzi-la a farelos
não resolve porque o mundo continua.
Mas se eu gritar gritar talvez

¹ GOMES, Deny. Os anos 70 e 80: a poesia – Valdo Motta. In: NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *História da literatura do Espírito Santo*. Vitória: Edufes, 2023. 3. v., v. 3. p. 63-66. Disponível em: <<https://edufes.ufes.br/items/show/715>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

* Professora titular aposentada de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

² VALDO MOTTA (São Mateus, ES, 1959 - ...). Obras: *Pano rasgado*. Ed. do autor, São Mateus, 1979. *Os anjos proscritos e outros poemas* (co-autoria). Ed. dos autores, São Mateus, 1980. *O signo na pele*. Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, São Mateus, 1981. *Obras de arteiro*. Ed. do autor, Vitória, 1982. *As peripécias do coração*. São Mateus, Centro de Cultura Negra do Vale do Cricaré, 1982. *De saco cheio*. Vitória, Ed. do autor, 1983. *Salário da loucura*. Vitória, Ed. do autor, 1984. *Eis o homem* (antologia). Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.

desperte os homens dessa catalepsia.

("O momento profundo" – *Pano rasgado*)

Esta crença no poder da linguagem poética percorre e sustenta a poesia de Valdo a tal ponto que a própria linguagem se torna objeto de permanente observação e indagação, o poema fala de si mesmo, é seta e alvo simultaneamente:

A poesia é meu aval, sinal na testa
– in hoc signo vinces, crachá que trago
na lapela do meu lado mais escuro. (...)

("Habeas corpus" – *Salário da loucura*)

Mas esta força poderosa, este louco facão, ágil navalha do verso (Cf. "Saga" – *As peripécias do coração*) não é posta a serviço da "poesia de protesto" que, na década de 70, confundia poema com panfleto, e entre dós de peito e pauperismo técnico acabava por mal servir as duas causas: a da política e a da poesia. Valdo Motta não faz versos de contingência e circunstância, ele transporta o momento histórico de seu tempo para todos os tempos, irmana a dor do poeta, que vê seu país massacrado pela repressão, ao sofrimento de todos os poetas e de todos os homens, universalizando o individual, eternizando o transitório, sempre atento à qualidade literária do texto.

O entrelaçamento perfeito do projeto de vida e do projeto poético revela-se no texto, no tecido onde se entremeiam a existência e a arte, mostrando que, na poesia de Valdo, a palavra poética e o existir são uma coisa só.

POEMA

"MEDO DE AMAR"

De tanto que não me amaram
quando amei, o meu amor foi-se
retirando para os confins de mim,
o corpo roxo dos coices

com que o repeliram, coisa
obsoleta e inútil e risível.

Agora, o meu amor escorraçado
espia o de que, faminto, carece...
Mas os hematomas indeléveis!

E recua mais um passo, amedrontado.

(Eis o homem)

Nesse mundo que se faz linguagem, estão presentes, também a irreverência, o humor, o deboche, como notou Jaguar³ ao dizer que Valdo: “Sabe mexer com as palavras, ariscas e fluidas, não faz drama, ao contrário, vai de humor no que se assume de bicha, negro e maldito”. Como se confere em:

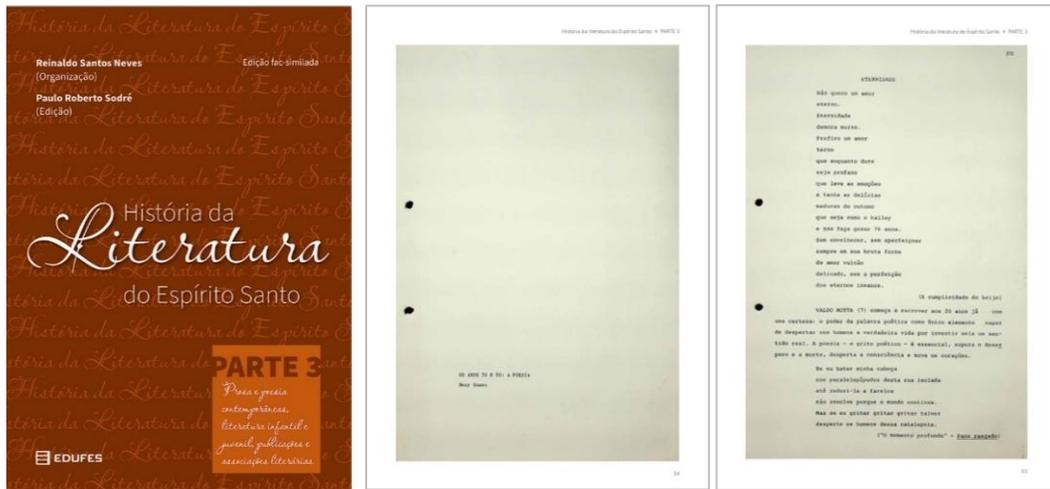
EVOLUCIONISMO

Depois de diuturna e sistemática
catequese deflagrada, as toupeiras
são animais em vias de extinção.
O que confiro in loco em meus bordejos
pelas ruas e bares, habitat da racinha.
O tempora, o mores, esperneiam
os últimos moicanos.
Assistindo ao fim dessa espécie
seguir-se o surto crescente de viados, lembro Darwin e sorrio.

(Salário da loucura)

Numa linguagem que é deliberadamente a expressão de múltiplas contradições, indo do registro formal da norma culta, com traços classicizantes (no vocabulário, na sintaxe, no uso de expressões latinas) ao uso dos mais espontâneos coloquialismos, gírias e palavrões, Valdo trata temas recorrentes, como o amor, em suas inúmeras variantes, incluindo o homossexual; a injustiça social; o autoritarismo arbitrário, a ignorância obscurantista; a esperança de transformação positiva do quadro social; o próprio eu e, como já foi dito, a linguagem, seus mistérios e poderes.

³ JAGUAR. Parece coisa de viado. E é! *O Pasquim*, n. 677, 1982, p. 3.



Capa de *História da literatura do Espírito Santo*, organizado por Reinaldo Santos Neves, e página inicial do capítulo "Os anos 70 e 80: a poesia", de Deny Gomes, com o verbete sobre Valdo Motta.